

EDITORIAL

CADERNOS DE EDUCAÇÃO – EDIÇÃO 2020-1

Esta edição traz artigos referentes a um tema comum: a inclusão. Em tempos de crise, há uma tendência geral de sermos mais solidários, mais respeitosos, e mais do que nunca, avaliarmos que a única forma de resistir e superar as dificuldades é pela via da educação.

Estamos vivendo momentos de graves conflitos, que já estavam se formando e se delineando, mas com a pandemia causada pela Covid-19 houve uma ruptura mundial das nossas relações interpessoais, do movimento cultural e político, da situação econômica e, no setor que nos afeta diretamente, no contexto educacional.

A pandemia acelerou a urgência da mudança da escola. Relatos de pesquisadores renomados falam que nestes tempos tão difíceis as melhores experiências educacionais não vieram do Estado, mas sim, dos professores, fundamentalmente da escola básica. Experiências que procuraram manter a participação dos alunos, o vínculo com os professores e garantir a relação humana, os aspectos centrais do processo educacional. A educação é “cara a cara”, é vínculo afetivo entre o grupo, é contato presencial. Só assim se faz educação.

A pandemia mostrou descaradamente o nosso despreparo. Trouxe sofrimento em todos os âmbitos da vida – e pela falta de competência em lidar com isso, as soluções emergenciais no campo da educação recaíram no ensino remoto. Mas precisamos entender que estas medidas que valem para o momento são e

devem ser provisórias, porque todas elas são frágeis, não concretizam a efetiva construção do conhecimento. Não pode ser algo permanente.

A pandemia, na essência não traz nada de novo. É um paradoxo porque ela não traz a mudança em si, ela traz a consciência de que é necessária a mudança. Mas e então? Teremos a mesma escola quando tudo isto acabar? E que escola teremos, então? Para responder esta pergunta, podemos dizer que teremos a escola que já sabíamos que precisávamos ter. Uma escola mais inclusiva, mais participativa, mais ética. Uma escola sem tanta normatização, rigidez e “modelagem” de comportamento. Uma escola com atividades variadas dispostas ao alcance dos alunos, e, ao mesmo tempo, mediadas pelos professores na condição de orientadores. Com professores reflexivos, autônomos e comprometidos com a educação.

Neste caminho, as universidades precisam se comprometer com a formação dos professores com coragem e liberdade. Serão necessários programas de profissionalização docente para que os professores possam desenvolver um conhecimento crítico, teórico e consistente, sabendo intervir na prática, para voltarem às escolas e transformá-las. E ainda, um conhecimento técnico de como usar a tecnologia. Mas isso só é possível com conhecimento e competência. É fundamental a criação de projetos curriculares, pois escola sem projeto é como um barco sem leme. É preciso um propósito educacional, que leva a uma direção, a um caminho, definindo metas e procedimentos.

É momento de reflexão de temas polêmicos com as crianças e adolescentes. É um tempo de falar de sentimentos para que, no fim do confinamento, os alunos e professores exerçam a ética da ação. Não que a tecnologia não seja importante. Sim, ela é, mas como parte do processo pedagógico, não como essência ou como única modalidade. A escola física é imprescindível.

A tecnologia tem nos ajudado em tempos de pandemia com a possibilidade de vermos os pontos de vista diferentes, de ouvir

histórias e experiências de lugares distantes, de manter contato com as sociedades e instituições. Mas educação não é feita só “mantendo contato”, por via remota. O espaço da aprendizagem é presencial, e escola é, antes de tudo, um lugar físico onde devem acontecer experiências e aprendizados.

Assim, por hora, vamos tirar certo proveito desta situação de pandemia. Vamos nos tornar mais inquietos à mudança, entendendo que não há mais tempo a perder. A pandemia possibilitou o apressamento do futuro, e com isso, trouxe o respeito à profissão do professor. Se antes desvalorizado, atualmente qualificado, pois constatou-se que o professor tem um papel fundamental na escola e na sociedade. Reproduzo uma pequena história que *viralizou* na internet: é sobre uma criança que escreve para a professora para que as aulas presenciais voltem logo, porque ela não aguentava mais ter aula com a própria mãe.

O professor precisa ter seu lugar legitimado e garantido na construção de políticas públicas de educação. Precisamos mais do que nunca valorizar o professor e incluí-lo na dinâmica institucional, legitimando a “produção” da profissão.

A pandemia traz várias provocações, mas seleciono aqui uma só: a escola não pode mais se manter no “mormaço” educacional causado pela ausência de políticas públicas de educação. Esperamos que os artigos desta edição de Cadernos da Educação possam contribuir para reflexões sérias e transformadoras.

“Boa leitura?”

Denise D’Auria-Tardeli

Junho/2020